



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

CORREIO
EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00602013CE



Gaiato

Quinzenário • 3 de Maio de 2014 • Ano LXXI • N.º 1830 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Autonomia

O desejo de a adquirir é próprio das sociedades e dos indivíduos. É anseio inscrito no coração de cada ser humano, por isso é um bem em si mesmo.

Pai Américo aplicava o exemplo da galinha que, dando bicadas nos seus pintos já crescidos, lhes ensinava que haviam de procurar o próprio sustento por si mesmos, e não ficar à espera que fosse a mãe galinha a esgravatá-lo para dele se alimentarem. Era um gesto formador de autonomia.

Muitos filhos nas famílias, imbuídos de uma certa mentalidade criada por organismos oficiais, que implantam e favorecem a dependência, um grande risco que provém dos subsídios, acabam por atribuir à família, a mãe em sentido mais lato, a obrigação de esgravatar o seu sustento.

No panorama actual, composto de grandes desequilíbrios e contradições, dominado pelo comércio e pelo lucro, vemos milhares de jovens, filhos de muitas famílias, que imbuídos deste anseio de autonomia, embora apoiado na

dependência familiar, são lançados num contexto de consumos em favor de negócios organizados. Muitos, desligados da família pela primeira vez, até contra o desejo dela, são lançados para uma autonomia que são incapazes de controlar, e expostos a grandes perigos que lhes poderão manchar a sua vida futura.

Onde vão estes negócios organizados recrutar estes jovens adolescentes? Às escolas. E que responsabilidade estas assumem? Nenhuma. Nem família nem escola podem estar por perto, a roda gira livremente sem saber onde vai parar.

O ser humano, ainda que vivendo uma sã e frutuosa autonomia, necessita de alguém que aponte caminhos e objectivos e com ele caminhe. Mas, ao olhar estas imensas moles humanas, sentimos que andam desgarradas, como ovelhas sem Pastor.

De há muitos anos para cá, a Mãe vem perdendo a capacidade de exercer a sua missão. Ela é como um Pastor e guia. A família, como mãe alargada, idem. Mas cada vez mais são remetidas para uma exclusiva função material, de dar o sustento e as condições de vida. Como se a galinha deixasse de ter asas para acolher, educar e ensinar, e somente bico para dar o sustento.

A Casa do Gaiato, como casa de família, a isso também tem estado sujeita, e ainda mais pelo seu contexto social. Nunca o aceitámos, pois como dizia Pai Américo, vale mais a alma do que o corpo. Ou se ganha ou se perde tudo. Temos a obrigação de lutar contra os vendilhões do templo, ainda que fustigados com incompreensões e sofrimentos.

Apesar das muitas voltas que o mun-

do dá, a Mãe permanece insubstituível, até para além da autonomia assumida. Nas nossas Casas também, e delas estamos sempre carentes.

Mesmo juntinho ao dia que pretende pô-La em destaque, lembramos as que por nossas Casas passaram e as que nelas deram a sua vida, alimentando por inteiro os filhos que a sociedade lhes deu. Os seus nomes... estão escritos no Céu. □



Capela da Casa do Gaiato de Moçambique

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

UMA destas manhãs, em que me dirigia à cidade, um rapaz, condutor da carrinha que nos levava, voltou-se para mim com esta:

— Que quer dizer, sair prà rua?!

— Sei lá! Nós estamos a sair prà rua!

— É que ouvi, na rádio, um padre a dizer que o Papa Francisco convidou os sacerdotes a saírem da Sacristia prà rua.

— Sabes que o Santo Padre fez uma exortação a toda a Igreja, chamada a **alegria do Evangelho**. É um escrito algo longo em que Ele exprime as suas convicções, não como quem ensina, mas como quem dá o seu testemunho. O Evangelho, quando é realizado, produz, indefectivelmente, no coração de quem o experimenta, uma alegria única que só a goza quem o faz.

É uma experiência pessoal, não um tratado de doutrina abstracta, mesmo para aplicarmos na nossa vida concreta. Não. É um convite forte de alguém que palpou Deus nos pobres, nos vem

revelar a felicidade que isso lhe provocou e convidar-nos a fazer o mesmo.

Embora tenha a dimensão de uma encíclica e se baseie em muitos textos da Escritura, a **gaudeum evangelii** é uma exortação a pôr em prática. Esse padre que ouviste na rádio quis dizer isto: — é necessário não só cuidar da Igreja, da catequese e do culto de Deus, mas sair para a rua. Não para o café, os restaurantes e as praças ou em passeios e peregrinações para fora do País, mas em primeiro sair da Sacristia e visitar, como tarefa básica, os pobres, os doentes, os sós, os abandonados, e fazer com eles as primeiras das suas relações pessoais, carregando a sua cruz, repartir os bens que possui, a começar pelo tempo, pelo nível cultural, os bens materiais, o afecto e a fé. Isto é que é sair prà rua.

Sabes que hoje, em grande parte, a começar pelos dirigentes, usa-se muito a técnica laica. Cria-se um serviço, monta-se um secretariado e escolhe-se uma

equipa e fica-se por trás. Não se vai à frente nem se anda na vanguarda. Fica-se na retaguarda, o que é muito mais cómodo. O Papa quer o contrário.

Como as primeiras testemunhas de Jesus Ressuscitado, ninguém as sossegava, venciam o cansaço, o medo e os inimigos! Era uma inquietude nunca vista! A alegria dominava-as. Assim quer o Papa. Que os cristãos sejam uns inconformados, audaciosos e convictos.

Já entendes que não basta ler a exortação do Papa Francisco? É urgente fazê-la.

O ideal de Ozanam, com a criação das Conferências Vicentinas, tão desprezadas por alguns sectores da Igreja, é uma grande arma apostólica do actual Pontífice.

Gente que vai a casa do pobre, persistentemente, e carrega com ele a sua cruz. Pessoas que repartem com ele o que têm e, sem dúvida, a sua fé. Gente que ama, sofre e comunga, sem nunca se cansar, animada pela luz do Ressuscitado.

As Conferências Vicentinas nunca estão ultrapassadas. Nun-

Continua na página 3

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

A nossa Páscoa foi um grande dia. Depois de dois anos de preparação e de um mês muito mais intenso, receberam o Baptismo vinte e dois. Outros ficaram para o Tempo Pascal. A celebração, que começou no largo em frente à Capela, com a bênção do Fogo Novo e do Círio, prolongou-se com a procissão nocturna. Passava das dez da noite. Só a lua, qual olho atento e sereno de Deus, nos acompanhava de longe. Todo o grupo, os nossos Rapazes, as meninas da Halima, a comunidade da Massaca, encheu a Capela completamente. O louvor da noite Santa, perante o grande Círio que representava Cristo ressuscitado, Luz para o mundo de hoje e de sempre, foi cantado por um professor da Casa. Depois das longas Leituras, na altura devida, o efeito misterioso das palavras sacramentais. Creio que ninguém como eles pôde viver o momento da Adopção Filial de Deus. Eles rejeitados da família e da sociedade, eles a crescer nesta grande família de adopção, onde já sabem, pelo dia-a-dia, como Deus é o Pai Providente, agora, a partir daquele momento, Ele os acolheu no Seu Coração, de tal modo que ali ficou para sempre. Ele neles, eles n'Ele e todos num só. Os Padrinhos e toda a assembleia uma só família. Acabámos, passava das duas da manhã. Depois, uma ligeira refeição, um resto de noite bem dormido e, às sete da manhã, todos de pé para um novo dia.

Foi consolador termos connosco, além dos visitantes e cooperantes, a passar de trinta mais velhos, que puderam aqui passar este tempo connosco. Alguns, regressaram logo pela manhã. Outros, ao fim do dia. Houve deles que trouxeram esposas e filhos, já quase do tamanho da mãe, outros bebés encantadores que eles ameigam carinhosamente como nunca o foram. «Como é bom ser uma família, como é bom!»

No dia de Páscoa mais visitantes da cidade. Alguns, só participaram na Celebração e deixaram as suas ofertas. Outros, partilharam da nossa mesa. Que tenha sido um dia feliz para todos os nossos Leitores, como foi para nós. □

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

FAMÍLIA — Nas pessoas que acompanhamos na nossa Conferência há um grupo que é constituído por pessoas “isoladas”, no sentido de pessoas que vivem sozinhas, sem familiares por perto. Escrevemos “isoladas” entre aspas porque, para além da visita dos Vicentinos, há vizinhos e outros por perto, com quem essas pessoas convivem e que vão dando alguma atenção à sua situação.

Fora essas, nas outras pessoas que acompanhamos, há a presença de algum laço familiar.

Estamos a falar disto agora porque, nos últimos tempos, e ainda bem, as questões da família, e mais propriamente da natalidade, parece que, finalmente, chegaram à agenda do debate público.

Se na zona em que a nossa Conferência trabalha o problema das pessoas “isoladas”, embora exista, ainda não tem uma grande expressão, não é o caso doutras zonas do País. Infelizmente, pelo caminho que a nossa sociedade está a seguir, este problema vai piorar. Assim sendo, uma das principais formas de pobreza irá ser, cada vez mais, a pobreza de relações interpessoais e o isolamento da pessoas, incluindo aqui, não apenas as pessoas idosas mas, também, pessoas doutras idades.

Temos, por isso, um desafio muito grande pela frente, que irá estar connosco ao longo de várias gerações, que é o fazermos tudo o que estiver ao nosso alcance para contrariarmos os factores que contribuem para o enfraquecimento das relações interpessoais, começando pelas de natureza familiar.

Esses factores são muitos e muito fortes nos dias de hoje. Refira-se aqui só alguns que estão presentes especialmente entre a juventude. Muitos jovens têm a ilusão que o seu grupo de amigos do momento é o que mais conta, esquecendo-se que, com o andamento da vida, cada um deles irá para seu lado. Também muitos jovens têm a ilusão de que têm muitos amigos, porque têm muitas pessoas com as quais se correspondem nas redes sociais. Claro que ter amigos é necessário e muito importante, havendo amigos que o são para a vida toda e para o que der e vier. Também não há necessariamente nada de mal no uso sensato das possibilidades que as redes sociais oferecem. O que está mal e, por isso, o que é preciso combater, é a ilusão de que as relações de camaradagem temporárias ou as relações virtuais substituem a construção e a preservação das relações familiares sadias e doutras relações interpessoais estáveis. A pedagogia que é preciso fazer é que relações familiares e outras relações interpessoais, para serem estáveis, exigem a capacidade de se enfrentar com maturidade e com alma grande os bons e os maus dias que essas relações sempre terão, porque nem sempre tudo corre às mil maravilhas ou como nós desejamos.

Trabalhar para que assim seja será uma frente importante de combate à pobreza, já no presente e cada vez mais no futuro. □

Pouco passava das 10 horas, desta Quarta-feira da Semana Santa, quando, após um fulminante ataque de coração, tombou o meu amigo Vasco de Carvalho. Prontamente assistido e já a caminho do hospital, aonde não chegou, pois o INEM veio ao encontro da ambulância. Depois de muitos esforços infrutíferos, confirmou o óbito.

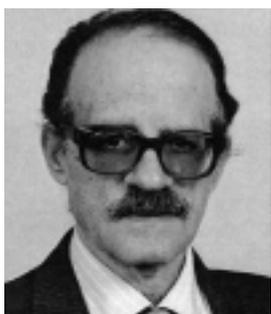
Outrora era conhecido em nossas Casas pela alcunha de «Capitão». Faria em Julho próximo 70 anos.

Veio para Paço de Sousa transferido da então Casa do Gaiato do Tojal. Aqui se preparou, casou e foi chefe da nossa sapataria.

E num aparte muito simples, direi custar-me a acreditar no acontecido. Ainda ontem caminhámos os dois, no regresso a nossas casas, vindos das oficinas. Era o meu colega das caminhadas!...

Aceitamos o que o Senhor nos manda e uma vez mais temos presente «os desígnios de Deus são insondáveis».

Entre os resplendores da luz perpétua, repousa em paz, amigo. Assim seja.



Mais um dos Antigos Gaiatos que o Senhor chamou à Sua divina presença. Foi o Rufino Tavares Ferreira, conhecido entre nós pelo «Tangerina».

Era natural de Oliveira de Azeite e tinha 75 anos.

Foi vendedor d'O GAIATO quando, em 1951, foi para o Lar do Porto.

Actualmente vivia em Matosinhos.

Manuel Pinto

PAÇO DE SOUSA

Daniel

PARQUE INFANTIL — O «Mendão» está a arranjar o parque, para que os mais pequenos e os nossos visitantes possam lá brincar nos seus tempos livres. Estava a precisar de ser arranjado porque já tem muitos anos, para evitar que possa cair.

MÚSICA — Neste tempo os Rapazes têm andado já a aprender instrumentos: no trompete estou eu; no clarinete estão o Marcos e o Carlinhos; no saxofone estão o Dário e o Gibril; no trombone está o «Andróide». Têm todos ensaiado para que possam vir a ser bons músicos.

CAMPO — O «Meno» e alguns Rapazes andaram nos nossos campos a cortar as ervas de inverno para fazer a ensilagem. Daqui a algum tempo, quando estiver pronta, servirá para dar ao gado. Por agora ainda temos a silagem de milho. O gado come também palha e ração em farinha para que possam dar boa carne e bom leite.



VACARIA — Nasceram três vitelos nas duas últimas semanas. Dois são de raça turina e o outro é castanho limousine.

Esperemos que cresçam bem e que continuem a nascer mais, para que a nossa vacaria fique com mais animais, que alguns dos nossos visitantes gostam de ver. □

FALANDO DE MIM

Olá, eu sou o Fausto Osvaldo. Vivo na Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Vim para cá com o Padre Rafael, da nossa Casa de Malanje.

Nasci em Benguela, município de Lobito, onde vivi com a minha mãe, meus irmãos e minha avó, antes de ter ido para a Casa do Gaiato de Malanje.

Vim de Angola para fazer tratamento, porque no meu País não tinha condições de tratar os meus problemas de saúde.

Eu gosto de estudar e de jogar à bola. Tenho 15 anos de idade e faço 16 anos no próximo dia 18 de Maio.

Fausto



MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

SEMANA SANTA E PÁSCOA 2014 — Conforme tem acontecido, vivemos a Semana Santa com as celebrações da Santa Igreja. A 13 de Abril, no Domingo de Ramos na Paixão do Senhor, junto ao nosso Cruzeiro em frente à nossa Capela, foram benzidos os ramos de oliveira e de outras plantas; depois, participámos na Eucaristia das dez horas.

No dia 15 de Abril, de tarde, fomos de retirada até Fátima, à Capela da Ressurreição, onde estava muita gente e nos confessámos. Na Quinta-feira Santa, em que de manhã os sacerdotes participam na Missa Crismal, pelas sete da tarde celebrámos a Missa vespertina da Ceia do Senhor, na qual foram lavados os pés a doze Rapazes (pequenitos e alguns da Primeira Comunhão).

Na Sexta-feira Santa, pelas três horas da tarde, à hora que morreu Jesus, celebrámos a Paixão do Senhor com a escuta do Evangelho de S. João, adoração da Santa Cruz (que beijámos) e Sagrada Comunhão. De forma simples, foi celebrada a Vigília Pascal. E, no Domingo de Páscoa da Ressurreição do Senhor, pelas dez da manhã, participámos na Missa do dia de Páscoa, com muitos fiéis e alegria. Jesus Cristo ressuscitou, aleluia!

No fim dessa tarde, recebemos a visita pascal, com o sr. Prior. Partilhámos uma boa merenda, com sandes, folares, ovos de páscoa e outros mimos, que agradecemos. Continuação de santa e feliz Páscoa!

CATEQUESE — Nos grupos de catequese, com os seus catequistas, as actividades têm corrido bem. É muito importante conhecer melhor e amar sempre Jesus Cristo, o nosso maior amigo.

AGROPECUÁRIA — Nas férias escolares da Páscoa, uma parte da malta, para além das obrigações, esteve a arranjar o jardim em frente à rotunda Pai Américo, arrancando ervas e colocando calhaus tirados do rio. Lavrou-se a *terra dos grilos*, a nascente, para semear aí a batata, desta vez, que se plantou a 16 de Abril, depois de ser cortada. A 22 de Abril, lavrou-se a *terra nova*, para pôr mais batata e semear milho. Outros Rapazes andaram a rapar bordas desses ter-

renos e do lameiro. Os pequenitos foram varrendo os arruamentos e o Diogo Madeira foi tratando o gado.

LAVANDARIA — Este é um sector da nossa Casa, ao cuidado da D. Graça, com muito movimento diário, pois há sempre muita roupa para lavar e secar, desde os «Batatinhas» até aos maiores. O consumo de energia e detergente é grande.

BARBEARIA — Temos na nossa Casa uma barbearia, onde tem vindo o sr. João Aurélio cortar os cabelos, quando é necessário; o que aconteceu a 14 de Abril, tendo sido corte rente, como é evidente. □



PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Porque choras?

NA Escritura, é relevante a preferência de Deus pelos pequeninos e últimos, com paixão pelas suas dores, Homem de dores: *Todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequenos, a Mim o fizestes.*

Na véspera da Paixão do Senhor, enquanto um grupo orientado de rapazitos ia a um riacho próximo recolher calhaus rolados para drenar uma faixa de um jardim

central, um beirão teve a desdita de uma pedrita tomar a direcção da sua frente: — *Rapaz, porque choras?* Cabeça rachada, sangue e lágrimas a escorrer; o que, não sendo estranho entre a garotada, é desculpável, pois estavam mesmo ocupados a jardinar. E não em rixas de bolas, nas quais a segurança dos estádios obriga a armar *exércitos.*

Subimos a calçada e estivemos com um miúdo de lágrima no

olho, porque outro companheiro lhe tinha estragado a sua casita de peças que estava a construir, pois queria surripiá-las: — *Menino, porque choras?*

Entretanto, com a vida a apertar, entrou-nos uma jovem pela porta dentro com uma história de vida difícil e filhos pequenos: — *Mulher, porque choras?*

Pela noite dentro da oitava pascal, de um Magistrado escutámos as angústias sobre um filho que atingiu a maioridade, e não a idade adulta: — *Homem, porque choras?* Tantos pais assim, carpindo a desorientação de filhos e filhas crescidos e trabalhos dobrados.

Numa Pátria também à mercê

de especuladores e poderes paralelos, tantos jovens têm batido asas para outras paragens, deixando ninhos com penas de um regresso adiado. As andorinhas voltaram a fazê-los na nossa casa, protegidos das intempéries. Um pai, de voz embargada, não escondeu o vazio por um filho que partiu para uma terra distante: — *Pai, porque choras?*

Uma mãe, que fugiu da miséria do seu País, indocumentada e desempregada, com o seu filho enfermo, tem soluçado por ajuda: — *Mãe, porque choras?*

Um amigo, de horas difíceis, que foi suportando uma doença incurável até adormecer em paz, deixou todos em pranto: — *Amigos, porque chorais?* Quando viu as irmãs e os amigos de Lázaro a chorar pela sua morte, *Jesus chorou.*

E pelas populações vítimas das violências das guerras e injustiças, como na Síria e em tantos focos martirizados, pelo mundo, será que os inimigos da paz também ouvem e choram? O apelo urgente da voz do Pastor da Igreja é forte: — *Por favor, que as armas parem!*

Quando a vida humana parece estar caída à sua sorte, o Senhor da vida não a abandona e continua com sinais vitais. Não fiquemos, por isso, espantados que imagens cerebrais, como da tomografia por emissão de positrões, vão revelando nos doentes com graves lesões cerebrais, em estado

vegetativo persistente, centelhas de consciência. A propósito, quando batem à porta, os miúdos dizem sempre e só: — *Sou eu!* O eu pessoal nunca deixa de viver.

Os problemas da humanidade padecente questionam a nossa fé. O Jardineiro, que interpelou de mansinho Maria Madalena, chorando na tumba fria, deixou-Se ver assim como Cuidador daqueles que, como o Mestre, estão crucificados. O Vivente *precisa* das mãos humanas para lavar os frágeis, dos nossos ouvidos para escutar as dores e do nosso coração para O abraçar no próximo.

Naquela tarde da nossa Ceia do Senhor, teve de haver também tempo para o Centro do que é vital. *Nada antepôr a Cristo*, disse S. Bento. Daqueles doze eleitos para o *lava-pés*, de famílias esfrangalhadas, alguns são mesmo borra-ditos. Simão Pedro refilou, mas foi vencido: — *Senhor! Não só os pés, mas também as mãos e a cabeça!* Quem dera que, em Países estéreis e depressivos, crescesse uma mentalidade fecunda, justa e de serviço, contrariando assim a ganância de poderosos e a errância de ideias das trevas.

Chorando, também podemos ver o Senhor. Duvidando, já estamos no Caminho, como Maria Madalena que não sabia que era Ele, pois confundiu-o com o Jardineiro. E, afinal, anunciou a melhor notícia divulgada que vai dando a volta ao mundo: — *Vi o Senhor!* □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

ca! Só os instalados assim pensam, para se acomodarem melhor.

Uma senhora telefonou-me, por não saber se fazia bem!

— *Tenho tanta pena dela — dizia-me.*

Muitas vezes lhe levo um avio, nunca lhe dei dinheiro. É que levei-lhe peixe e ela disse-me que não sabia fazer o peixe. Nem assar, nem fritar, nem cozer. Não sabe quase nada. E fez o 9º ano.

— *Acha que lhe devo dar algum dinheiro?*

— *Acho que sim. Uns vinte euros, trocados.*

— *Nunca entrei na casa dela!*

— *Oh mulher, insiste e entra!*

— *retorqui-lhe.*

— *Tenho medo de parecer mal.*

— *A gente não quer saber disso. Pedes para entrar, entras mesmo e vês.*

Já não me telefonou. Pôs-se a caminho e veio falar-me pessoalmente.

Chorou, chorou, chorou!...

— *Eu não fazia uma ideia! Como se pode viver assim? Eram os dejectos dos gatos e dos cães por todo o lado. Um cheiro terrível. Parece que ainda agora cheiro mal.*

Disse-lhe: — Oh, rapariga!, põe os gatos e os cães na rua, à noite!

— *E eu com quem fico e com quem falo?*

O relato era tão vivo e tão sentido que a senhora irrompia, outra vez, num choro imparável.

Enquanto contemplava aquela dolorida cristã e sentia nela o efeito da visão miserável, lembrava-me da palavra do Papa Francisco: **a proximidade.**

É preciso aproximarmo-nos, recomenda Ele. Ele cheirou e manda-nos cheirar. Estes odores, apesar de repugnantes, trazem-nos à

memória a Paixão, actualizada, do Senhor e, quando A reconhecemos, ressalta sempre de forma indelével, a Figura viva d'Ele!

Como vencer uma miséria destas? Uma pessoa só, afoga-se. É necessário um grupo, uma equipa com espírito continuamente animada pela fé no Ressuscitado.

Um grupo ligado à Paróquia e em comunhão permanente com ela, como devem fazer os vicentinos.

Na comunidade paroquial poderá descobrir-se uma família cristã que queira e tenha condições para levar a infeliz para sua casa. A ensine a fazer cozinha, a lavar, a sentir-se lavada e envolvida por gente digna, saboreando a dignidade, por algum tempo, até se habituar a ela.

O Evangelho não se entende quando se prega ou estuda; só se compreende quando se faz e vive, saboreando, sem falhas, uma alegria incomparável. □

NO CORAÇÃO DA PÁScoa

Padre João

É ainda, sob o influxo da festa da Páscoa que iremos contemplar e saborear a declaração de santidade dos Papas João XXIII e João Paulo II — é mais um fruto pascal!

Acerca de João XXIII, muito foi dito e há-de ainda ser, no rasto indelével do Concílio Vaticano II que o associa à história da Igreja em pleno século XX — num rasgo de ousadia espiritual. Respirava-se, das aldeias até às cidades, o ardor, a lufada de ar fresco, da gesta conciliar.

Tive a graça de viver a minha juventude em pleno pontificado de João Paulo II. Frequentava o Seminário dos Olivais e estávamos em 1982. Era o mês de Maio; mês de tantas coincidências felizes no calendário, de tanta beleza espiritual... Foi o mês escolhido por João Paulo II para visitar Portugal de forma apostólica, como não podia deixar de ser, mas de cunho tipicamente mariano, com Fátima no horizonte, fazendo «jus» ao seu lema episcopal: «Totus Tuus Maria».

De todas as vivências desta histórica visita, inesquecível, a celebração eucarística a que presidiu no Parque Eduardo VII em Lis-

boa. Um espectáculo de raríssima beleza espiritual a que cidade e o Tejo, que a emoldura, prestaram relevo singular.

Nessa celebração exerci o Ministério de Leitor. Ao convite da praxe, um outro se seguiu nestes termos: «o portador deste cartão foi admitido a receber a comunhão pela mão de Sua Santidade o Papa João Paulo II». Achei, como não podia deixar de ser, uma graça do Céu de enorme singularidade.

Deus bem sabe o que cada um de nós lhe deve de forma infinita... Só Ele conhece a nossa história pessoal; melhor que nós próprios, Ele nos conhece! Considerei sempre esta, uma graça imerecida do Alto na trajectória da minha vida pessoal e vocacional.

Alguém disse, acerca do seu modo de rezar, que dentro dele havia um enorme mosteiro; que, quando despertava, toda a sua interioridade lhe iluminava o rosto... Iguamente, o seu olhar sobre as multidões era singular: olhava-as procurando saber de cada um, de cada pessoa, em particular. O olhar dos santos, dos bem-aventurados. Era o olhar do Papa João Paulo II.

Na celebração do Parque Eduardo VII, para além dos apelos mobilizadores à evangelização, referindo-se a modelos próximos, tais como Santo António de Lisboa e São João de Brito, destacou larga e profundamente as qualidades inatas na psicologia juvenil que são apanágio do fervor evangelizador. Como não recordar este apelo, feito então, de forma acutilante: «os Jovens são aliados naturais de Cristo (...) não há evangelização sem entusiasmo juvenil». A sua presença pessoal, de pessoa presente de «forma inteira», era tão perceptível: não havia barreiras. Uma presença ao jeito de Cristo; mesmo na execução de uma liturgia de perfeição; o Papa nunca se esquecerá do palco e do palco que a vida é... Sem dúvida o maior presságio a que tão depressa se cumprisse a vontade popular «urbi et orbi»: «súbito santo»! Assim foi, graças à Trindade Santa. Obrigado Bom Papa João XXIII; obrigado querido Papa João Paulo II! □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Abril, 26.700 exemplares

DOUTRINA

Pai Américo



«Homem de pouca fé, porque duvidas?!»

O Carlos do Porto, tendo perdido, como já aqui se disse, a praça de Espinho, resolveu tentar Guimarães. Sabendo eu disso, avisei o Comando da Polícia de Segurança Pública daquela cidade e pedi benevolência. Já assim tinha feito com o de Aveiro.

Abel foi.

Um amigo de além-mar manda um lista com cerca de duzentos nomes. Alguns são do Congo Belga. Veio um cheque generoso a responder por todos. Que bom! A gente precisa tanto e tanto e tanto!

ÀS vezes vem-me o tino; a inteligência das coisas terrenas. Atravesso, com esse tino, os refeitórios de Paço de Sousa e vejo tudo a rilhar. Transporte-me, com aquela inteligência, aos refeitórios do Porto, de S. João da Madeira, de Coimbra, de Miranda do Corvo, do Tojal e vejo tudo da mesma sorte.

Sinto, na minha pobre vida, o peso da formidável carga. Nesta inteligência, vejo os problemas de cada um; as idades inquietas; as tendências; e também o meu problema!

O que então se passa na minha alma é coisa inenarrável. Entro a desfalecer. Quero fugir. Mas isto dura pouco tempo. Deus tira-me o tino e dá-me da Sua loucura. Já não vejo nada; já não sinto nada. Os problemas de todos e o meu também, ficam num instante resolvidos. «Homem de pouca fé, porque duvidas?!»

SENHOR de Misericórdia, não retireis jamais da minha inteligência a loucura do Divino!

Do livro *Doutrina*. 2.º vol.

BENGUELA

Padre Manuel António

Pela força do Amor

ESTOU a escrever no dia da Festa da Ressurreição do Senhor. Há pouco tempo, no refeitório, contemplava a multidão de filhos, apanhados no sepulcro do abandono familiar e, agora, resuscitados para uma vida nova. Que maravilha! É o fruto do Amor de Cristo Ressuscitado nos nossos corações. Verdadeira aurora dum mundo novo! A Casa do Gaiato está a realizar este sonho, confiada no amor de cada um dos vossos corações. Há dias, a polícia veio trazer-nos um filho apanhado na rua. Vivia despido de tudo o que é verdadeiramente humano e digno. A pedra grande do abandono tapava o sepulcro em que jazia. Tudo perdido? Não! Ressuscitou! Está vivo na nossa Casa do Gaiato de Benguela, com todas as possibilidades de ser um homem digno. A verdadeira riqueza dum Nação está nos seus filhos. Daí que o grande investimento dos membros dum sociedade responsável tenha na devida conta esta realidade. Quem dera não faltassem as ajudas, da parte das empresas, famílias e pessoas singulares, na medida das suas possibilidades materiais, às Instituições que se dedicam, de alma e coração, ao aproveitamento desta riqueza escondida e perdida em muitos

filhos abandonados! É uma obrigação proposta pela justiça social. Não lhe pode faltar a alma que se chama Amor.

Queremos ser pessoas felizes. Onde está o caminho? Como se chama? É o caminho do Amor. Não podemos esquecer-nos de que a vida de cada um de nós é também para o serviço dos nossos irmãos. Dum modo especial, é para o serviço dos irmãos mais necessitados. Não queiramos viver encerrados no egoísmo estéril e prejudicial. Tudo o que damos por amor não é perdido. É possível, muitas vezes, pensar-se que perdemos, quando damos. Por isso, preferimos fechar-nos no egoísmo e na indiferença. Enganamo-nos! Há dias, tive a notícia alegre de que um grande amigo da Casa do Gaiato de Benguela está disposto a partilhar parte dos seus bens, com as nossas necessidades mais urgentes. Está feliz. Sabe que não perde nada. Não fica mais pobre. O amor enche o seu coração de paz e alegria. A maior riqueza está nestes bens. Quem dera esta experiência seja feita por cada um de nós. É o argumento determinante desta verdade: a partilha do que temos e somos, por amor, é o fundamento da nossa felicidade. Continuamos a viver confiados no

vosso amor que alimenta a nossa esperança em cada dia.

Na manhã deste dia, Domingo de Páscoa, levei a carrinha cheia com algumas dezenas de rapazes, para tomarem banho na praia. É habitual. Contudo, a admiração do povo com quem nos cruzamos é admirável. Sente-se feliz por ver estes filhos acolhidos e acompanhados. O futuro da nossa sociedade digna está no tesouro das suas vidas. No encontro com altos responsáveis de empresas petrolíferas partilhámos o significado das actividades diversas, mas com uma ligação profunda. Por um lado, está o petróleo como uma riqueza determinante para o progresso de Angola, explorado nas profundidades do oceano. A Casa do Gaiato explora a maior riqueza dum Nação, escondida na profundidade dos corações destes filhos abandonados. Sim, um povo será tanto mais feliz e mais rico, portanto, na medida em que todos os seus filhos tenham possibilidades dum vida humana verdadeiramente digna. A essência do trabalho de cada um de nós está aqui. Esta visão da realidade só é possível realizá-la pela força do Amor. O fogo do Amor queima as resistências à implantação da justiça social que está no segredo da partilha do que somos e temos, sempre na medida do possível. Eis o mundo novo que Jesus Ressuscitado, vivo no coração de cada um de nós, quer implantar. Vamos para a frente com a confiança gerada pelo Amor que alimenta a nossa Esperança.

Com um beijinho dos mais pequeninos da nossa Casa do Gaiato de Benguela, como sinal de gratidão pelo carinho de cada um de vós na partilha dos vossos bens connosco. □

PENSAMENTO

Pai Américo

A nossa Obra não é para estranhos. Se agora temos alguma gente de fora, é por necessidade. Não por vantagem.

in *Cantinho dos Rapazes*, p 32

VINDE VER!

Padre Quim

No primeiro dia da semana

É deste modo que começa o texto sagrado do anúncio da Ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos. O acontecimento central da fé cristã. As celebrações do Tríduo Pascal aconteceram na capela do Mosteiro Mãe de Deus. Toda a comunidade participou, vivendo os momentos fortes da Liturgia e, sobretudo, fazendo a passagem da Quaresma à Páscoa da Ressurreição. Os olhos são incapazes de ver. Os meios humanos são precários para transpor a barreira que limita o físico do espiritual, só a fé ilumina a escuridão que paira sobre os sentidos. O homem quer ver e corre, procura descobrir, e é Cristo Ressuscitado que lhe sai ao encontro.

É no primeiro dia da semana que a seguir à oração comunitária da noite, costumamos convidar e motivar os Rapazes a fazerem o esforço saudável de tudo fazer para que seja melhor a presente semana. Quer nas escolas, nos trabalhos e

responsabilidades individuais e colectivas de cada um. O Rapaz quer superar-se de quanto as suas limitações o aprisionam. A criança guarda dentro do peito o desejo infinito de ser amada. Páscoa é a festa do amor. Nem todas têm a sorte de experimentar o carinho de uma família. Quando a rua é o destino, são entregues ao sofrimento, sem amparo, famintas de pão e de amor. O conhecimento de quanto sofre a criança abandonada, inquieta, perturba o coração.

Já é a terceira vez que o «Toni», apelidado «Guitarra» vem a nossa Casa, é um daqueles entregues absolutamente a si mesmo, desprevenido, enganado na rota que trilha. Sozinho, errante, perdido. Eis a tragédia crua da pobre Humanidade. Vai e vem! As pessoas gostam dele e recebem-no. Ora a polícia; depois, o soba; o MINARS e vêem trazê-lo a nossa Casa. É conhecido por todos pelas suas fugas a Catumbela e ao Bair-

ro da Graça, seus atractivos. Somos a Obra dos rejeitados não dos escolhidos. E quando acolhidos, amparados e assistidos acontece a desejada passagem para a educação. Ela é a libertação da criança dos vícios que das ruas traz. O homem novo nascido das águas do Baptismo está livre da mancha do pecado. As cadeias não-de fechar as suas portas quando este processo encontrar o seu dinamismo em todos os que lutam por um mundo novo.

Para fazer de cada Rapaz um homem novo, partimos de princípios simples para curar as enfermidades da alma. Estas adquiridas quando andavam sós pelos caminhos. «As coisas santas têm de ser tratadas santamente. Nada é mais delicado do que uma alma! As nossas armas são o carinho, a verdade e a justiça, alimento adequado à criança do solavanco do mundo. Deus é vivo. As suas Obras têm o Seu toque divino!». □

SETÚBAL

Padre Acílio

Motards

GRUPOS novos, de pessoas ávidas de se juntarem, para gozarem a amizade umas das outras, pelo simples distintivo de usarem as motos.

Por iniciativa de um gaiato antigo, juntaram-se os clubes de *motards* de toda a Lisboa e arredores, bem como do distrito de Setúbal, para uma campanha de angariação de bens alimentares, a favor das Casas do Gaiato da Obra da Rua e uma grande concentração nesta Casa, de Setúbal.

Toda a organização está a cargo deles. Nós apenas seremos os anfitriões e receptores.

Irão montar, no campo de futebol, um palco enorme para canções e discursos, onde também actuará um grupo convidado e a **nossa banda**.

Organizaram comes-e-bebes, também com alguns produtos da nossa quinta, revertendo o resultado a nosso favor.

A Casa do Gaiato é «*átrio dos gentios*», um santuário onde o Evangelho é vivo e a presença de Deus, consistente. Está aberta a todos os homens e é, para todos, quer queiram, quer não, uma antecâmara da Fé Cristã.

É com muita alegria que receberemos os *motards* de Lisboa e Setúbal. Será no próximo dia 11 de Maio, Domingo, a partir das 13h00.

Último período

DURANTE a segunda época escolar, fizemos um grande esforço para que os Rapazes atingissem níveis de classificação que permitisse, a eles e a nós, alguma tranquilidade. Esta foi uma das razões por que, apesar de ensaiadas, não levamos as Festas aos nossos Amigos.

Nem todos o conseguiram. Há pelo menos dois que, não sei, se vencerão o ano.

Sabemos que o ambiente juvenil é destruidor e que alguns mais influenciáveis e menos conscientes da sua situação económica, se deixam levar pelo mais fácil, que é andar na escola e serem, como já ouvi classificar a um professor, **escolares e não estudantes**.

Os mais velhos e mais avançados ajudaram os mais novos com menos capacidade. Também, nesta matéria, somos obra de Rapazes, para e pelos Rapazes.

Uma professora de francês, desempregada, tem vindo, gratuitamente, dar explicações aos que estudam esta língua e, segundo me revela, antes do gaulês, tem de lhes ensinar a língua materna.

Pomar

ESTA Casa está rodeada de laranjeiras que a envolvem, não só com o seu verde peculiar, dando-lhe beleza, mas também, neste tempo, a enche de um perfume grosso e delicioso. Pelas manhãs amenas, os pássaros a saltitar, uns com os outros, num chilreio vivo e cativante, por sobre a ramagem dos citrinos, alguns, ainda coloridos de magníficos frutos, atiram-nos a fragrância para os olhos e nariz.

Duas ou três vezes por semana, os rapazes dão uma volta ao pomar, apanhando os frutos caídos. Os podres e mais moles vão para a estrumeira. Os bons, seleccionam-se e lavam-se cuidadosamente para sumo. Quando estes não chegam, arrancam-se as laranjas mais pequenas, aliviando assim as árvores e deixando os maiores e médios para a mesa e para venda.

Temo-nos deliciado, às refeições, com sumo da nossa laranja, feito numa máquina simples, que não tira o sabor característico da casca, mas o enriquece com o seu paladar.

Quando o tempo permite e o trabalho para os mais pequenos escasseia, lá vão eles, com um chefe, arrancar as ervas que crescem sob a copa das laranjeiras e regalarem-se, à vontade, com as doces laranjas, gozando a liberdade de quem é dono.

Os pequenos vão assim adquirindo a noção de que as árvores são seres vivos, a precisar de serem libertas das infestantes que comem e bebem o que lhes pertence. Gozam também o prazer da sombra no calor e o perfume das flores, adquirindo o deleite do nosso pomar.

A rentabilidade dos citrinos, apesar de várias centenas, reduz-se a pouco mais que este aspecto educativo e humano, pois o valor pecuniário da laranja é baixo. Mesmo assim, para o nosso consumo, temos citrinos de Outubro a Julho do ano seguinte. Quando não há outra fruta, vai da nossa que é boa e abundante. □